

Comemoração ao centenário das  
Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917) de S. Freud

**Parapraxias (atos falhos, lapsos)**

*Por Wania Maria C. F. Cidade\**

E eis que já se vão cem anos! Cem anos, 100? Como podem os textos e conceitos freudianos manterem-se vivos e jovens decorridos cem anos? Talvez seja devido ao humano, que apesar das mudanças socioculturais, climáticas, históricas e políticas, permanece humano, um pouco bárbaro, um pouco bicho, mas isso tem a ver com a natureza das pulsões humanas.

Pois bem, é desta natureza, movida por cargas energéticas, que o homem se movimenta física e psiquicamente, contudo, esta atividade se dá independente da vontade dele, ela está no plano do inconsciente. Somos movidos pelos desejos inconscientes e por mais que os refreemos, que não queiramos sabê-los, eles vêm e se sobrepõem às nossas defesas. Há caminhos que nos levam à escuta do inconsciente: as **parapraxias** ou **atos falhos** ou **lapsos**, por exemplo, são vias importantes que dão acesso aos pensamentos e aos sentimentos inconscientes, que escapolem do controle do falante e ganham mundo.

Dizendo de outra maneira, podemos ignorar alguns pensamentos que ocupam nosso mundo psíquico e revelá-los, ou pelo menos a ponta do fio do novelo, embora não seja esta a nossa vontade ou intenção. É assim que ocorre com os **atos falhos**: você compra uma blusa para presentear João e ao encontrá-lo para entregar o presente o chama de Pedro (**lapso de língua**); você quer dizer à Maria que sentiu saudades dela e, inadvertidamente, diz que sentiu raiva (**lapso de língua**); você compra bilhetes para ir ao teatro com Leandro, mas já a caminho, e atrasada, percebe que deixou os bilhetes em casa (**esquecimento temporário**); você escreve uma carta para o seu pai querendo dizer que “se sente completamente amparado por ele”, mas ao invés de usar a palavra “amparado”, você escreve “desamparado” (**lapso de língua**). São infundáveis os exemplos e tipos de **parapraxias** que ocorrem de modo corriqueiro e com qualquer pessoa.

Então, é bem provável que você já tenha participado da leitura conjunta de um texto na qual uma determinada pessoa lê em voz alta e, no decorrer da leitura, pronuncia uma palavra diferente daquela que estava redigida, fazendo um **lapso de leitura**; ou de outra situação em que o sujeito ouve algo que não fora dito de fato, cometendo o **lapso de audição**. E de tantas outras em que o objeto é perdido ou o proprietário ignora o local em que o guardou. Estas situações são aparentemente banais – se não se tratar de uma doença orgânica ou física – mas para os psicanalistas funcionam como bússolas, indícios, uma vez

que cada um destes fenômenos tem um significado inconsciente relacionado com a vida psíquica da pessoa que o praticou.

Para Freud, as parapraxias têm significados que vão além de uma mera distração ou cansaço e equivalem aos sintomas, pois trazem à tona o conflito psíquico do sujeito errante. Portanto, decorrem da pressão de um desejo inconsciente que o sujeito tenta manter recalcado – oculto até de si mesmo – mas que irrompe as barreiras a despeito da vontade dele. Apesar de parecer de simples leitura, para a psicanálise os significados não são tão diretos, precisos e fechados, ao contrário, é preciso uma escuta fina, atenta ao discurso e às associações do analisante, e aquilo que é transmitido pelo não dito. Ainda assim, às vezes, vemo-nos diante de um emaranhado de ideias de tal maneira complexo que é preciso tempo para um dado acontecimento ganhar sentido.

Freud na cabeceira, ladeado por belos romances, contos literários, poesias, pode ajudar-nos a compreender os caminhos, descaminhos e perigos desta vida.

Para uma pesquisa mais ampla, sugiro a leitura de “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (S. Freud, 1901) e “Conferencias Introdutórias sobre Psicanálise” (partes I e II), nas quais encontrará o texto “Parapraxias” (1916-17).

\* Wania Maria C. F. Cidade é psicanalista de Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.  
waniacidade@globo.com